

DIVERSIFICAÇÃO E PERSPECTIVAS DE INVESTIMENTOS ENTRE PRODUTORES DE LEITE

Área temática: Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural

Renata Milani¹
Rosani Marisa Spanevello²
Adriano Lago³
Antonio Marcos De Zorzi⁴

¹Acadêmica do Curso de Zootecnia - Universidade Federal de Santa Maria, campus Palmeira das Missões, Avenida Independência 3751, Caixa Postal 511, Bairro Vista Alegre – Palmeira das Missões – RS, Cep: 98300-000. Email: renatamilani17@yahoo.com.br

²Professora Adjunta do Departamento de Zootecnia e Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Maria, campus Palmeira das Missões. Avenida Independência 3751, Caixa Postal 511, Bairro Vista Alegre – Palmeira das Missões – RS, Cep: 98300-000. Email: rspanello@yahoo.com.br

³ Professor Adjunto do Departamento de Administração da Universidade Federal de Santa Maria, campus de Palmeira das Missões – RS, Cep:98300-000. Email: adrianolago@yahoo.com.br

⁴Acadêmico do Curso de Zootecnia - Universidade Federal de Santa Maria, campus Palmeira das Missões, Avenida Independência 3751, Caixa Postal 511, Bairro Vista Alegre – Palmeira das Missões – RS, Cep: 98300-000. Email: marcos.dezorzi@hotmail.com

Resumo: Este trabalho objetiva apresentar a diversificação produtiva e as perspectivas de investimento dos produtores de leite do município de Barra Funda, localizado na região norte do – RS, através de 55 entrevistas realizadas nas unidades familiares. Os resultados apontam 4 grupos de produtores. O grupo 1 destaca-se como o mais atrasado comparativamente aos demais, com ordenha manual e sem equipamento para refrigeração. Já o grupo 2, apresenta-se mais tecnificado que o anterior, com ordenha mecanizada. O grupo 3 destaca-se por estar tentando tornar a atividade a principal da propriedade, com investimentos financeiros e raças próprias para produção leiteira. O grupo 4 é mais tecnificado entre todos, com maior produção mensal, maiores investimentos e bonificação pela produção. Com relação aos investimentos, o grupo 1 não realiza; no grupo 2, os produtores realizam investimentos quando necessitam, com valores entre 20 a 50 % da renda gerada pelo leite com prioridade em raça e alimentação, já o grupo 3 afirma realizar investimentos quando necessitam (valores de até 50% da renda gerada pelo leite), priorizando setores como armazenamento, alimentação e raça. O grupo 4 é quem mais investem (acima de 50 % da renda gerada pela atividade) e priorizam o setor de alimentação.

Palavras-Chave: Agricultura Familiar, Atividade Leiteira, Diversificação.

1) Introdução

O agronegócio leiteiro é um setor importante para a economia agrícola brasileira. Conforme dados da Barbosa et al (2003, s/p), “o leite é um dos seis primeiros produtos mais importantes da agropecuária brasileira, estando a frente de produtos como café beneficiado e o arroz”. Segundo dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e

Abastecimento (MAPA), o leite é considerado um dos produtos com grandes possibilidades de crescimento, podendo crescer a uma taxa de 1,9% até 2021, o que corresponde a 38,2 bilhões de litros de leite cru (MAPA, 2011). Da mesma forma, o consumo do produto deverá crescer quase na mesma proporção em que é produzido (MAPA, 2011). Acrescido da sua importância nutritiva (sendo este um alimento essencial para algumas faixas da população) e econômica, o agronegócio do leite desempenha um relevante papel social, principalmente na geração de emprego e de renda de centenas de produtores e para a população em geral (CARVALHO, et.al. 2002; BARBOSA et al. 2003).

Dossin (2010), analisando os dados da Secretaria de Planejamento (SEPLAG/RS), confirma que o Rio Grande do Sul se configura como o segundo produtor nacional de leite atingindo 10,6% da produção nacional. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), o estado gaúcho produzia em 1990 cerca de 1,4 bilhões de litros, em 2000 chegou a 2,1 bilhões e em 2010 atingiu a marca de 3,6 bilhões de litros. Ainda, em 2010, o número de vacas ordenhadas/ano no estado chegou a 1.495.518 com uma produtividade de litros/vaca/ano de 2.430 litros (IBGE, 2010), sendo que a região gaúcha com maior concentração da produção é a metade norte, seguida da região Noroeste Colonial, Fronteira Noroeste e Serra (DOSSIN, 2010).

No Rio Grande do Sul, os principais produtores de leite são considerados agricultores familiares. Segundo a Lei Nº 11.326 de 2006, são considerados agricultores familiares aqueles que atendem aos seguintes quesitos: I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais; II - utilize predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; III - tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento; IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.

Conforme o Censo Agropecuário de 2006, das 4.367.902 propriedades rurais existentes no Brasil 1.089.413 são familiares, sendo que no Rio Grande do Sul aproximadamente 379 mil apresentam característica familiar e destas 205.158 produzem leite (IBGE, 2006). Os agricultores familiares são responsáveis por 58,0% do leite produzido nos país (IBGE, 2006). No sul do Brasil, a produção de leite pela agricultura familiar vem contribuindo de forma decisiva para sua inserção no mercado.

De acordo com Carvalho (2010), os avanços na cadeia láctea como um todo foram grandes nos últimos anos, entre os quais se destaca: pagamento por qualidade, implementação de legislação mais dura em termos de produção com qualidade, coleta a granel, distribuição e consumo, estrutura de fornecedores e internalização que mudaram a forma de produzir e comercializar leite no país. Para os produtores familiares as mudanças são revestidas de distintos impactos, pois nem todos conseguem acompanhar a demanda da indústria e dos consumidores no que se refere às melhorias na questão da gestão da produção, qualidade e sanidade do produto final. Neste sentido, verifica-se a existência de distintos perfis produtivos, envolvendo produtores de maior porte e altamente tecnificados até produtores de menor porte e/ou pouco modernizados ou produtores especializados e não especializados. Para Dossin (2010) apud Jank e Galan (1998), os produtores especializados têm no leite a sua principal atividade geradora de renda, trabalham com animais de raças, investem em alimentação e benfeitorias e gestão, produzindo volumes que possibilitam ganhos em qualidade e produtividade. Por outro lado, os produtores não especializados operam com baixa tecnologia e tem no leite uma fonte de renda adicional a renda agrícola, com gestão da atividade pouco significativa.

Diante das transformações ocorridas na atividade leiteira e de sua relevância no complexo agroindustrial, é importante o levantamento e a caracterização dos produtores para a seleção de problemas de pesquisa e para a definição de políticas para o setor. De acordo com Fernandes & Lima (1991), para conhecer a realidade das propriedades rurais e encontrar subsídios para gerar e transferir tecnologias compatíveis com esta realidade, torna-se necessário ter conhecimento do perfil dessas propriedades. Este perfil será importante para a adaptação de tecnologias já existentes, bem como a geração e transferência de novas tecnologias compatíveis com as condições encontradas. Neste contexto, o uso de uma tipificação representativa do universo dos produtores familiares de leite se torna uma ferramenta importante (WAGNER, 2002).

Considerando as diferenças entre as propriedades e os produtores no que se refere à produção leiteira, este trabalho tem como objetivo apresentar a diversificação produtiva e as perspectivas de investimento na atividade dos produtores de leite familiares do município de Barra Funda, localizado na região norte do Rio Grande do Sul, levando em consideração as características dos produtores e propriedades, desenvolvimento e qualificação da atividade leiteira e a organização e investimentos dos produtores na atividade.

2) Procedimentos metodológicos

Os resultados apresentados tem como base a análise de 55 entrevistas, realizadas no segundo semestre de 2011, com produtores familiares que trabalham com produção leiteira pertencente ao município de Barra Funda. O roteiro de entrevistas foi aplicado ao chefe da unidade produtiva. De acordo com a Fundação de Economia e Estatística (2008b) o município possui uma população de 2.193 habitantes, sendo 1.016 residentes no meio rural e 1.177 no meio urbano, tendo uma área territorial total de 60 km². O município possui 386 propriedades rurais. Dados do IBGE (2006) mostram que nas propriedades cultiva-se milho, soja, trigo, mandioca, entre outros. Quanto à produção animal, o Censo Agropecuário (IBGE, 2006) aponta que o município tem destaque na produção leiteira com 177 propriedades familiares dedicadas a este sistema produtivo, O referido município produzia, em 2000, cerca de 1900 litros/leite/dia, subindo para 3.809 em 2010 (IBGE, 2010).

Na organização dos resultados das entrevistas foi possível construir a diferenciação produtiva alicerçada nas distintas condições de produção leiteira de cada um dos produtores entrevistados e suas perspectivas de investimento na atividade. Esta diferenciação construída teve como base o trabalho de Gehlen (2000), sobre os produtores de leite gaúchos, na qual o autor diferenciou os produtores fazendo uso de critérios como mão de obra, gestão e qualificação produtiva, manejo, entre outras. Como resultado, o autor enquadrou os agricultores em 4 tipos, conforme descrito a seguir.

A) Moderno convencional: 1) trata-se de um produtor consolidado na atividade, ou seja, tem um tempo de regularidade mínimo (5 anos) na atividade; identifica-se como e tem uma racionalidade de produtor de leite moderno; sua produtividade está de acordo com o padrão moderno (dentro de sua região); 2) a produção do leite é estratégica; utiliza a principal força de trabalho e esta ocupa-se na maior parte do tempo de trabalho com a produção do leite; na organização sistêmica da propriedade prioriza-se a produção do leite; o reinvestimento dos rendimentos se dá nesta atividade da propriedade; 3) no padrão tecnológico deste produtor, os animais são especializados na produção de leite (raças puras); os equipamentos utilizados e suas instalações seguem as especificações dos laticínios; a força de trabalho utilizada é qualificada para a produção de leite; a alimentação do animal é balanceada e controlada de acordo com critérios

especificados no pacote tecnológico (da agroindústria) e recursos externos, se preocupando muito mais com a produção do que com o equilíbrio energético da propriedade.

B) Moderno não convencional: 1) consolidado, ou seja, tem um tempo de regularidade mínimo (5 anos) na atividade; identifica-se como e tem uma racionalidade de produtor de leite moderno; sua produtividade está próximo ao padrão moderno (dentro de sua região); 2) a produção do leite é estratégica; utiliza a principal força de trabalho e esta ocupa-se na maior parte do tempo de trabalho com a produção do leite; na organização sistêmica da propriedade prioriza-se a produção do leite; o reinvestimento dos rendimentos se dá nesta atividade da propriedade; 3) no padrão tecnológico deste produtor os animais são de raças leiteiras (não necessariamente puras) mais adaptadas à região; os equipamentos utilizados e suas instalações nem sempre seguem as especificações dos laticínios. Por vezes, opta por equipamentos e instalações adaptados a realidade da sua propriedade; a força de trabalho utilizada é qualificada para a produção de leite; a alimentação do animal é balanceada e controlada de acordo com critérios que levam em conta o equilíbrio energético da própria unidade de produção (procurando importar o mínimo de alimentação externa a propriedade).

C) Produtor de transição: 1) está em consolidação, ou seja, tem um tempo de regularidade mínimo (5 anos) na atividade, mas ainda não se identifica completamente como produtor moderno nem adota completamente esta racionalidade; sua produtividade não está de acordo com o padrão moderno (dentro de sua região); 2) a produção do leite está se tornando estratégica; a força de trabalho principal está cada vez mais envolvida com esta atividade produtiva; a organização sistêmica da propriedade está se reorganizando em torno da produção do leite; o reinvestimento dos rendimentos se dá cada vez mais nesta atividade da propriedade, mas ainda não é o principal; 3) no padrão tecnológico deste produtor, os animais são mestiços (ou não especializados) na produção de leite; os equipamentos utilizados e suas instalações ainda são precários, mas eles procuram, na medida do possível, adotar as especificações dos laticínios; a força de trabalho utilizada está se qualificando para a produção de leite e está procurando fazer um balanceamento e controle da alimentação, conforme as necessidades percebidas pelo produtor; pode transitar para moderno convencional ou não convencional, conforme as influências recebidas.

D) Tradicional: 1) consolidado, ou seja, tem um tempo de regularidade mínimo (5 anos) na atividade; identifica-se como e tem uma racionalidade de produtor de leite

tradicional; sua produtividade está de acordo com o padrão tradicional (dentro de sua região); 2) a produção do leite não é estratégica; utiliza a força de trabalho secundária, que ocupa-se com a produção de leite apenas o tempo necessário; na organização sistêmica da propriedade não prioriza a produção do leite; o reinvestimento dos rendimentos da propriedade raramente vai para a produção de leite; no padrão tecnológico deste produtor, os animais não são especializados na produção de leite; os equipamentos utilizados e suas instalações quando existem, são precários; a força de trabalho utilizada orienta-se por métodos tradicionais na produção de leite; a alimentação do animal não é planejada, sendo precária na maior parte do ano.

3) Revisão bibliográfica

A produção leiteira na agricultura familiar

Segundo Ferrari et al., (2005), a produção de leite vem se transformando e se consolidando como atividade estratégica para a agricultura familiar e para o desenvolvimento local/regional, a ponto de se tornar na nova “atividade âncora” na composição da renda dos agricultores e com grande alcance social devido: a) alta capacidade de absorção de mão de obra; b) agregação de valor na propriedade; c) fácil descentralização espacial e diversidade de escalas das unidades industriais; d) grande alcance social; e) possibilidade de uso econômico e conservacionista de terras “não nobres”. Para Oliveira et al (2005), a importância dessa atividade se manifesta no campo financeiro, visto ser uma fonte de renda mensal contribuindo fortemente para o equilíbrio do “caixa” da propriedade. Conforme Corona e Pezaro (2003) citado por Pellini et al (2007, p. 5):

[...] a produção do leite tornou-se estratégica na agricultura familiar, pois permite uma renda quinzenal ou mensal, que mesmo em pequenos valores, possibilitam a família fazer frente às despesas essenciais como luz; farmácia; compra de alimentos. Mas ela tornou-se essencial para as iniciativas de agroindustrialização do leite, o que a coloca em uma nova condição que suscita novos problemas e desafios.

Porém, os agricultores familiares também se diferenciam quando se trata da produção de leite, podendo ser encontrado produtores com grau de especialização maior

ou menor dentro da atividade. Machado (2001), estudando os produtores de leite no município de Crissiumal – Rio Grande do Sul, afirma que é possível diferenciar os produtores quanto a escala de produção e quanto a centralidade da atividade dentro da propriedade. Segundo o autor, parte dos produtores apresenta produção de leite intensiva, outros têm sistemas de produção baseados na produção de leite em pequena escala além do cultivo de soja e milho, outros tem leite e fumo em pequena escala, ou ainda produção de leite semi-intensivo e cultivo de fumo. Entre os que alternam a produção de leite com agricultura, o leite vem se constituindo como uma renda complementar a propriedade.

Conforme Okamo et al. (p. 1, 2010) “A maioria dos produtores da cadeia produtiva do leite é composta de pequenos produtores tradicionais, e o leite é uma das fontes de receita da propriedade, os investimentos são reduzidos e dificultam adoção das mudanças e avanços, implicando na produtividade da propriedade”. Segundo os mesmo autores, é possível observar dentro das propriedades uma otimização dos recursos da produção: existem várias propriedades leiteiras que realizam a ordenha manualmente e a vaca serve para o leite, corte e produção de bezerros, sendo a produtividade diária baixa (OKAMO et al, p.1, 2010). Da mesma forma, Finamore et al. (2009) diz que além de priorizar a produção de animais em detrimento da produção de leite, a administração é feita pelos membros da família e forma bastante precária: os registros são escritos de forma manual e os produtores apresentam uma grande dependência de informações dos técnicos que vão a propriedade.

Ademais, segundo Finamore et al. (2009) as dificuldades do segmento familiar que produz leite de forma menos tecnicizada também está relacionada com a não contratação de mão-de-obra permanente. A contratação ocorre quando os produtores tem produção superior a 100 litros/dia. Para Finamore et. al. (2009) citando Gomes (2005) existem algumas vantagens em não contratar mão de obra pelos pequenos produtores ou produtores com baixa produção, tais como: a redução dos custos e a possibilidade sobreviver nas épocas de preço baixo do leite devido ao custo mais baixo comparativamente aos produtores mais capitalizados e que contratam mão-de-obra. Por outro lado, conforme diz o autor são modelos de baixa capacidade de resposta aos estímulos do mercado, com pouca perspectiva de sobreviver ou persistir ao longo do tempo, pois a demanda do sistema capitalista de produção é de modelos de produção com respostas rápidas e eficientes aos mercados. Por isso, como mostra o trabalho de

Finamore et al (2009), é compreensível que os estratos de produtores como menos de 50 hectares estão entre os que mais pretendem deixar de atividade nos próximos anos.

As diferenciações internas em termos da atividade leiteira pelos agricultores familiares estão diretamente relacionadas com a capacidade de investimentos dos produtores na atividade. De acordo com Lopes (2007), o êxito da atividade leiteira depende de uma série de fatores tanto de dentro como de fora da porteira, ou seja, com informações geradas na propriedade e no mercado. Segundo o autor, é preciso que nas propriedades menores haja eficiência administrativa, planejamento, organização como forma de aumentar a rentabilidade. Para Ferrari et al (2005), o que ameaça os produtores (especialmente os com baixa produção) de se manter no mercado são as exigências de qualidade, a forma de pagamento pelo leite (por volume), forma de cobrança do frete e o acesso privilegiado por parte dos produtores mais capitalizados aos instrumentos tradicionais de políticas públicas (crédito, assistência técnica, pesquisa, ações de fomento e controle sanitário).

4) RESULTADOS

a) Caracterização do grupo familiar e qualificação da atividade leiteira

Os produtores entrevistados possuem idade entre 20 e 70 anos. Em relação à mão de obra disponível nas propriedades para a realização das atividades produtivas e domésticas, em 32 % dos casos apenas os pais permanecem trabalhando na propriedade, pois os filhos saíram de casa ou para trabalhar ou cursar o ensino superior em outra cidade, ou os filhos casaram e constituíram família em outro local. Em outros 12,7 % dos casos apenas os pais (e um dos filhos) executam as atividades, tendo em vista que os demais filhos estudam ou trabalham na cidade. Nestes casos específicos, boa parte dos filhos que ajudam ou trabalham com os pais podem ser considerados sucessores das propriedades. Com relação ao restante dos entrevistados (45,4%) todos os membros da família trabalham na propriedade, especialmente porque os filhos (que cursam o ensino fundamental e médio na cidade) ainda permanecem nas propriedades.

Quanto ao tamanho das propriedades a menor possui três hectares e a maior 38 hectares, a média é de 18,8 ha sendo este valor próximo ao encontrado pelo Censo Agropecuário de 2006 em que a área média dos estabelecimentos familiares é de 18,37

hectares. Dos entrevistados a maioria possui acesso a terra na condição de proprietários. Com relação aos sistemas de produção, os principais são o leite, grãos (especialmente soja e milho), suínos, fruticultura e criação de gado de corte.

Com relação ao controle zootécnico existente nas propriedades, verifica-se que os produtores buscam trabalhar com raças apropriadas para a atividade: 65% trabalham com a raça Holandês, 45% com a raça Jersey e apenas 9% afirmaram trabalhar com raças mestiças, nem sempre as mais adequadas a produção leiteira.

Quanto a produção, observa-se que 58% destas propriedades possuem mais 20 animais para lactação, sendo que a média entre os produtores entrevistados é de 17 animais (com idade média de 4,5 anos). Porém, mesmo tentando trabalhar com raças adequadas e produtividades suficientes para gerar renda para a família, constatou-se que boa parte dos produtores entrevistados (cerca de 85%) afirmaram não ter uma produção constante ou estável durante o ano. As justificativas para a variação são clima, oferta de pastagens e da fase de lactação em que se encontra cada animal.

Quando ao manejo do rebanho leiteiro, 94,5 % dos produtores realizam descarte das vacas devido a baixa produção e idade, enquanto os demais descartam visando o melhoramento genético, ou seja, os critérios mais utilizados são idade e baixa produção, seguido de doenças e melhoria da genética. Outra questão relativa ao manejo do rebanho é quanto a aquisição das vacas: mais da metade dos produtores adquirem animais de fora da propriedade, levando em conta critérios com raça, preço, produção, aspectos físicos e idade. Para melhorar a produção e produtividade, os produtores usam basicamente duas estratégias no referente a reprodução do rebanho, a inseminação artificial (realizada por técnico da cooperativa ou empresas privadas) e a monta natural (realizada por número mais baixo de produtores).

Nestes casos, o produtor tem o reprodutor na propriedade ou pega emprestado. As vantagens para quem usa monta natural é não precisar pagar pela inseminação e pela facilidade (reprodutor já está na propriedade). Para os produtores que usam a inseminação, o preço pago varia de R\$ 25,00 a R\$ 100,00, sendo que as novilhas são inseminadas entre 12 e 30 meses. Para dar conta deste aspecto importante no manejo reprodutivo do rebanho leiteiro os produtores contam basicamente com a assistência de técnicos da cooperativa ou empresa ou com seus próprios conhecimentos.

No referente a produção leiteira propriamente dita envolvendo: ordenha, alimentação dos animais e comercialização, os dados da pesquisa permitiram concluir que os produtores trabalham com diferentes níveis de qualificação. A maioria das

propriedades possuem ordenha mecanizada (92,7 % das propriedades). Porém, apenas 10 propriedades possuem sala de ordenha organizada especificamente para esta função, as demais propriedades realizam a ordenha em um galpão específico para atividade ou que serve de abrigo para outros animais. Além disso, 4% das propriedades possuem sistema de ordenha mecanizada, enquanto as demais possuem sistema de Balde ao Pé. Considerando a higiene na ordenha (critério importante para a qualidade final do leite) a maioria dos produtores usam detergentes na limpeza da ordenhadeira e limpam os tetos dos animais antes da ordenha apenas com água, sendo que nenhum realiza a desinfecção entre uma vaca e outra. Já na realização de pré e pós dipping, 16,3% afirmam realizar, enquanto 43 % não realizam e 25 % apenas o pós dipping. A revisão e manutenção dos equipamentos de ordenha são feitos conforme a necessidade (aproximadamente 57% dos produtores respondam desta forma), semestralmente (19,6 %), anualmente (11,8 %) e duas vezes no semestre (7,8 %). Além desta dificuldade da maioria seguir as recomendações de manutenção, mais da metade dos entrevistados não possuem outro equipamento na propriedade para substituir os usados diariamente. O armazenamento da produção ocorre em resfriadores. Cerca de 57% dos entrevistados armazenam em resfriadores a granel (mais modernos), 36% em imersão, 1,8% em resfriadores comuns e 3,6% não possuem nenhuma forma de resfriar.

Em relação a alimentação ofertada aos animais, mais da metade dos entrevistados ofertam silagem, ração, e pastagem; boa parte ofertam pastagem e ração; enquanto uma minoria oferta pastagem e silagem. Das propriedades que fornecem ração na alimentação, em 49 % dos casos é produzida na propriedade e 52 % realizam a compra na cooperativa ou empresa agropecuária. Quanto a administração e planejamento da oferta de alimentação ao rebanho leiteiro, 70,5 % ofertam mais para as vacas que produzem mais, os restantes relataram ofertar a ração dependendo do pico da lactação de cada animal ou para os animais que possuem melhor genética.

A comercialização do leite é realizada basicamente por empresas privadas (85,4 %) e 3,6 % para cooperativas, sendo que o preço pago (em média por litro) é de R\$ 0,70. Quando questionados se recebem alguma forma de bonificação pela produção 74,4 % afirmam não receber nenhum tipo de bonificação, já 21,8 % recebem, sendo esta principalmente pelo armazenamento do leite em resfriador a granel, quantidade produzida mensalmente, quantidade de células somáticas (CCS) e contagem bacteriana total (CBT). Dos produtores que recebem bonificação, 58 % recebem a menos de dois anos.

b) Organização e a perspectivas dos investimentos na atividade

Os investimentos financeiros e as perspectivas da atividade leiteira entre os produtores são avaliados através da busca do aperfeiçoamento técnico e tecnológico, investimentos realizados na atividade, as mudanças introduzidas desde que iniciaram neste sistema de produção e as perspectivas quanto a atividade.

Quando questionados se procuram estar atentos a inovações sobre a atividade leiteira, 62 % afirmam estar atentos. Dentre as maneiras como buscam se informar está principalmente através de palestras, seguido das orientações de técnicos da cooperativa ou empresa privada, dias de campo realizadas na região e em menor quantidade através de cursos, viagens e palestras.

Em relação aos investimentos, 63,6 % afirmaram ter realizado algum investimento nos últimos anos. Entre os que relatam não investir, os principais motivos incluem satisfação com a infraestrutura atual, o preço pago pelo produto não compensa investir, poucas condições financeiras, idade avançada e falta de mão de obra, para continuar a atividade e pretensão de parar com a atividade. Em caso de investimentos, 51,4 % dos produtores entrevistados, relatam que os mesmos são pagos com o dinheiro gerado na atividade e 42,8 % através da renda gerada pelo leite, mas também de recursos bancários. Destes que realizaram investimentos na atividade 45,7 % investiram um valor total de mais de R\$ 10.000, no último ano, enquanto o restante investiu valores menores. Quando questionados sobre quanto do valor investido é advindo da renda gerada pela atividade, 42,8 % afirmam que entre 20 % e 50 % da renda gerada é reinvestida, 20 % investem entre 20 % e 50 % da renda, já 14,8 % relatam investir o total da renda gerada na atividade.

Com relação à aquisição de recurso externo para investimento na atividade, 72 % investem a totalidade do recurso obtido, os demais investem apenas metade. Do total, 55,3 % investem somente quando necessitam, 21,2 % investem anualmente e cerca de 22% não realizam investimentos a mais de um ano, ou seja, não procuraram melhor ou qualificar a atividade. Para os que realizam investimentos, os setores priorizados são, primeiramente a alimentação, armazenamento do leite através da compra de tanques de expansão, padrão racial, higiene na atividade e mão de obra. Os investimentos que os produtores pretendem realizar são diversos: tanque de expansão para armazenamento do leite, melhoria da infraestrutura (como a sala de ordenha), aquisição de rebanho mais qualificado na produção, pastagem, canalização do leite, mecanizar o sistema de

alimentação e adquirir novas máquinas, enquanto 32 % não pretendem realizar nenhum investimento no momento e os demais pretendem investir.

Quando questionados sobre a percepção de melhora na atividade desde que iniciaram, apesar dos produtores investirem de maneira distinta, todos relataram ter realizado mudanças que perpassaram a melhoria do rebanho, infraestrutura, melhor qualidade do leite produzido, maior conhecimento da atividade e ter trocado de empresa para quem comercializava o produto, sendo que estas foram responsáveis pelas melhorias geradas na atividade.

As perspectivas dos produtores quanto a atividade são positivas. Entre as estratégias dos produtores para melhorar a atividade estão: buscar mais conhecimento através de assistência técnica, aumentar o número de animais, área disponível para pastagem, bem como investir em pastagens de melhor qualidade e produção por animal, palestras e cursos adquirindo maior conhecimento e com isso melhorar a produção e maximizar a renda mensal. No entanto, observa-se a demanda pelos produtores de maior incentivos de órgãos públicos como, prefeitura e EMATER, no sentido de aumentar assistência técnica, através da realização de palestras e dias de campo. Da mesma forma, espera-se incentivos por parte do governo federal com relação a baixar custos de juros de empréstimos e intervenção para tornar o preço pago pelo litro de leite menos oscilante. Entretanto, apesar das boas perspectivas alguns produtores pretendem parar com a atividade, seja pela idade avançada e/ou pela falta de mão de obra familiar para continuar com a atividade, alguns produtores também relatam o temor de não poder continuar na atividade devido às mudanças na Normativa 51.

e) Diferenciação produtiva e a questão dos investimentos entre os grupos de produtores

A partir das características gerais dos produtores entrevistados é possível diferencia-los quanto aos aspectos relativos à produção, geração de renda e investimentos na atividade leiteira. No total, foram construídos quatro grupos que se diferenciam, na produção, geração de renda, organização e investimentos na propriedade.

Grupo 1: Os produtores enquadrados neste grupo, são os que possuem a menor quantidade de terra dentre os produtores entrevistados, em que a média é de 14 ha, sendo que do total da área disponível, é dedicada para produção de pastagem no

máximo 4 ha, desta forma a alimentação dos animais não é planejada, sendo precária maior parte do tempo, alimentos concentrados não são ofertados aos animais; estes produtores não possuem a atividade leiteira como prioridade na propriedade, a mão de obra utilizada é secundária, sendo dedicadas menos de 3 horas diárias nesta atividade. Estes são os produtores que possuem menor número médio de vacas em lactação por ano, sendo 7 animais, menor produtividade mensal, diária e por animal, sendo esta de 11 litros por vaca. O descarte dos animais é realizado seguindo critérios como idade e baixa produção, os animais são adquiridos de vizinhos ou em qualquer local não pensando na melhoria da genética do rebanho, assim como a maioria dos produtores deste grupo não realiza inseminação artificial mas, sim a monta natural pois, levam em conta a facilidade. No padrão tecnológico destas propriedades é o mais atrasado, comparativamente aos demais grupos, as instalações e equipamentos quando existem são precárias, compostas de um galpão (de uso comum a outros animais) para a realização da ordenha. A ordenha é realizada manualmente e o leite é resfriado em um congelador normal ou então não é resfriado pois, o leite é recolhido pelo leiteiro logo após a ordenha. Os animais não são especializados na produção de leite, são raças mestiças e não puras. A maioria destes produtores não fez nenhum tipo de investimento nos últimos anos, pois, afirmam não haver mão de obra na propriedade ou, não conseguem produzir para ter lucro e ainda investir, já os que investiram o fizeram com ajuda de recurso externo. Os rendimentos gerados pela atividade não são reinvestidos na mesma. Apesar da falta de investimentos para melhoria da qualificação da atividade, os produtores ressaltam que pretendem continuar com a atividade da forma em que se encontram atualmente, pois representa uma renda extra relevante para a família.

Grupo 2: Estes produtores possuem maior quantidade de terra em relação ao primeiro grupo, estando a média em 22.4 ha, contudo não há maior disponibilidade de terra para o plantio de pastagem, sendo que a média é de 3.3 ha, contudo nestas propriedades são fornecidos alimentos concentrados aos animais sendo que estes são produzidos na propriedade. Os produtores que fazem parte deste grupo também não possuem a atividade leiteira como principal fonte de renda na propriedade, e apresenta características do sistema de produção que se assemelham às descritas no grupo 1, tais como: animais não especializados na produção leiteira, a ordenha é realizada em um galpão comum aos demais animais da propriedade, não recebem bonificações pela produção, o descarte dos animais não é realizado com o intuito de adquirir animais de melhor genética, assim como o método usado nas propriedades é o da monta natural.

Contudo, existem algumas características distintas, que não permitem o enquadramento destes produtores no primeiro grupo: são características que demonstram haver maior tecnologia no sistema de produção do que no primeiro grupo, principalmente pela ordenha que é realizada de forma mecanizada, e não manualmente, ocorre resfriamento do leite ainda que em tanque de imersão. Percebe-se, que, grande parte dos produtores enquadrados neste grupo, realizaram investimentos nos últimos anos, ainda que em menos de 50% do total da renda gerada, sendo que alguns destes produtores, buscaram crédito externo e outros investiram apenas com dinheiro próprio, percebe-se ainda que estes produtores que buscaram investir na atividade para melhorar seu sistema de produção, pretendem continuar investindo nos próximos anos, seja em infraestrutura, seja em padrão racial, entretanto aqueles que não investiram nos últimos anos, também não pretendem investir nos próximos anos, ou seja o sistema de produção destes produtores será possivelmente um dos mais atrasados em comparação aos demais, que estão buscando melhorar e tecnificar a atividade.

Grupo 3: Este grupo se diferencia dos primeiros devido a produção do leite estar se tornando estratégica na propriedade, é neste grupo que são enquadrados a maioria dos produtores entrevistados. A média de ha para este grupo é de 20,3, contudo a quantidade de terra disponível para a pastagem ainda é baixa apenas 3 ha. A força de trabalho principal está cada vez mais envolvida com esta atividade produtiva, destinando de 3 a 6 horas diária para a atividade. A propriedade está se reorganizando em torno da produção do leite; o reinvestimento dos rendimentos se dá cada vez mais nesta atividade, pois investe até 50 % dos rendimentos. Os animais não são mestiços, as raças usadas são Holandês e Jersey, contudo uma parte destes produtores ainda fazem uso de monta natural, e em alguns casos o reprodutor utilizado não é da propriedade, o que demonstra haver descuido com a sanidade das fêmeas a serem cobertas e pouca preocupação em realizar melhoramento genético, contudo alguns produtores já fazem uso apenas de inseminação artificial, o que demonstra preocupação com o melhoramento dos animais da propriedade, registra-se também alguns produtores em período de transição em que fazem uso tanto de monta natural, na qual touro é usado para reprodução apenas da propriedade, mas também de inseminação artificial. Os equipamentos utilizados na atividade como o tanque de expansão para armazenagem de leite demonstram que na medida do possível estão se adequando as normas. Contudo, as instalações ainda são precárias. Os produtores pertencentes a este grupo se assemelham aos citados anteriormente devido as seguintes características: não priorizam a melhoria da genética

no momento de compor seu rebanho, não realizam pré e pós dipping na higiene das vacas. A grande maioria destes produtores afirma ter realizado investimentos na atividade nos últimos anos, sendo que a maioria buscou crédito externo para tais investimentos, porém assim como nos demais grupos os investimentos são realizados conforme a necessidade do produtor, sendo que apenas alguns produtores deste grupo investem anualmente, contudo pretendem investir futuramente principalmente na infraestrutura da sala de ordenha, na melhora do plantel, através da melhora da genética, alimentação, através das pastagens e para alguns aquisição de tanque de expansão. Dentre os produtores que não realizaram nenhum tipo de investimento a principal justificativa é que estão satisfeitos com a infraestrutura atual, seguido da falta de condições financeiras para investir, isso demonstra que apesar da maioria dos produtores deste grupo estar buscando o aperfeiçoamento na atividade, alguns produtores não o fazem, estes produtores demonstram que apesar de não realizarem investimentos até o momento, quando possível pretendem adquirir tanque de expansão, assim como os demais não pretendem realizar investimentos na atividade. Quanto as perspectivas dos produtores a maioria dizem ser positivas, pretendendo crescer na atividade através da melhora do rebanho, da infraestrutura, da alimentação, contudo esperam que haja mais incentivo do governo e até mesmo da prefeitura e da EMATER, assim como que o preço pago pelo litro de leite seja menos oscilante durante o ano, permitindo um lucro mais fixo e que os custos da alimentação comprada diminua, porém alguns produtores relatam o desejo de parar com esta atividade, ou por falta de mão de obra ou de incentivos para se manter na atividade.

Grupo 4: Estes são os produtores que possuem o sistema mais tecnificado dentre os produtores entrevistados para estes a produção do leite é estratégica. Para esta atividade destina-se a principal força de trabalho e esta se ocupa na maior parte do tempo com a produção do leite, sendo dedicadas entre 7 e 10 horas diárias. A propriedade tem se organizado para tornar atividade leiteira prioridade; Além disso, alguns dos produtores contratam mão de obra específica e qualificada para a atividade. Considerando o padrão tecnológico destes produtores os animais são de raças leiteiras, produzindo mais de 5.000 litros por mês e mais de 15 litros por vaca/dia, é utilizado em 80% das propriedades a inseminação artificial, para o restante que utiliza monta natural, o reprodutor utilizado é de raça compatível para produção de leite; os equipamentos utilizados e suas instalações nem sempre seguem as especificações dos laticínios, mas tendem a ser mais modernos que dos grupos anteriores, contudo em algumas

propriedades o sistema de ordenha é canalizado. Para a ordenha existe galpão (sala de ordenha) específico. Estes produtores recebem bonificação da empresa para quem comercializam o leite devido à quantidade de células somáticas (CCS), quantidade de bactérias total (CBT), sólidos totais, forma de armazenagem do leite e quantidade produzida. No entanto estes produtores recebem esta bonificação na maioria a menos de um ano. Na questão da alimentação estes produtores levam em conta o equilíbrio energético dos animais, com oferta de concentrado adquirido fora da propriedade. Na higienização dos animais é realizado pré e pós dipping. O descarte e a aquisição dos animais são realizados pensando no melhoramento genético do rebanho, pois os animais são adquiridos somente de produtores especializados na raça. Os reinvestimentos são feitos acima de 50% dos lucros gerados pela atividade. Todos os produtores enquadrados neste grupo realizaram investimento nos últimos anos, contudo afirmam que não pretendem realizar investimentos nesse período. As perspectivas para estes produtores são consideradas boas, pois, acreditam que dentro do sistema em que estão inseridos é possível produzir uma boa quantidade mensal assim como, que o produto tenha qualidade.

5) Considerações finais

Observa-se a existência de produtores pouco tecnificados, que buscam incorporar à atividade alguma modernidade, também a existência de produtores mais tecnificados que buscam melhorar o sistema produtivo, seja através de recurso gerado na atividade ou auxílio de recurso externo.

A partir das distintas características de produção e organização da propriedade é possível enquadrar os produtores em 4 diferentes grupos. Quando comparados podemos dizer que o grupo 1, é menos tecnificado não sendo esta a atividade ancora dentro da propriedade, já o grupo 2 é mais tecnificado do que o primeiro, principalmente por fazer uso de ordenha mecanizada, o grupo 3 realiza mais investimentos, trabalha com raças melhores para a atividade. Finalmente o grupo 4 que demonstra-se o mais tecnificado, possuindo maior produção, renda e investindo mais na atividade. Com relação aos investimentos os produtores que pertencem ao grupo 1 não realizam investimentos; no grupo 2 os produtores realizam investimentos quando necessitam em torno de 20 a 50 % da renda gerada pelo leite. Esses produtores priorizam investimento em raça e alimentação, já o grupo 3 afirma realizar investimentos quando necessitam de até 50%

da renda gerada pelo leite e priorizam setores como armazenamento, alimentação e raça, considerando o grupo 4 são produtores que investem mais de 50 % da renda gerada pela atividade e priorizam o setor de alimentação.

Embora os trabalhos que tratam da análise produtiva e organizativa dentro do sistema de produção leiteiro não sejam recentes, a relevância de realizarem-se pesquisas com este foco se justificam com a construção de ações voltadas para melhorar o desenvolvimento deste setor. Apesar dos resultados expressarem algumas limitações entende-se que a síntese da análise de dados pode subsidiar de desenvolvimento para o setor, possibilitando melhoras das condições econômicas e produtivas em que os produtores estão inseridos, partindo da ideia de que existem características distintas entre os produtores do mesmo município, no mesmo sistema de produção.

6) Referências bibliográficas

BARBOSA, P. F. Produção de Leite no Sudeste do Brasil. EMBRAPA Gado de Leite. 2003. Juiz de Fora, Minas Gerais. **Informações técnicas – Sistema de Produção 4**. Disponível em: <http://www.cnp.gl.embrapa.br/>. Acesso em: 5 fev. 2012.

BRASIL. **LEI Nº 11.326, DE 24 DE JULHO DE 2006**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11326.htm. Acesso em: 8 fev. de 2012.

BRASIL. Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. **Projeções do Agronegócio 2010/2011 a 2020/2021**. Brasília, 2011. Disponível em: http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/Ministerio/gestao/projecao/PROJECOES%20DO%20AGRONEGOCIO%202010-11%20a%202020-21%20-%200.pdf. Acesso em 4 de fev. de 2012.

CARVALHO, G. C. A indústria de laticínios no Brasil: passado, presente e futuro. EMBRAPA Gado de Leite. 2010. Juiz de Fora, Minas Gerais. **Circular Técnica**. Disponível em: http://www.cnp.gl.embrapa.br/nova/livraria/abrir_pdf.php?id=26. Acesso em: 5 fev. 2012.

DOSSIN, M. C. **Agronegócio do leite: caracterização dos sistemas produtivos e especialização da atividade no município de Ronda Alta (RS)**. 2010. 48f. Monografia (MBA em Gestão do Agronegócio). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Estatísticas do Leite**. EMBRAPA Gado de Leite. Minas Gerais. s/d. Juiz de Fora, Minas Gerais. Informações técnicas. Disponível em: <http://www.cnpqgl.embrapa.br/nova/informacoes/estatisticas/estatisticas.php>. Acesso em: 2 fev. 2012.

FERNANDES, T. A. G.; LIMA, J. E. Uso de análise multivariada para identificação de sistemas de produção. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, Brasília, v. 26, n. 10, p.1823-1836, out. 1991. Disponível em: <http://www.alice.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/106184/1/pab32out91.pdf>. Acesso em: 25 fev. de 2012.

FERRARI, D. et al. Agricultores familiares, exclusão e desafios para inserção econômica na produção de leite em Santa Catarina. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.35, n.1, jan. 2005. Disponível em <http://www.iea.sp.gov.br/out/publicacoes/pdf/tec2-0105b.pdf>. Acesso em: 25 fev. de 2012.

FINAMORE, E.B. M. C et al. Características dos produtores de leite do RS: uma análise a partir do Corede Nordeste. In: XLIII CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO, ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL. 2009. Porto Alegre. **Anais...**Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Administração, Economia e Sociologia Rural, 2009.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. **Estimativa da população por município e situação de domicílio Rio Grande do Sul – 2008**. Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/estatisticas/pg_populacao_tabela_03.php?ano=2000&letra=H&nome=Barra Funda%E1>. Acesso em: 25 out. 2011.

GEHLEN, I. et al. Os anos noventa e o novo rural: transformações tecnológicas e impactos sobre o desenvolvimento rural no contexto da agricultura familiar no Rio Grande do Sul. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e

Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. **Relatório Final**. Porto Alegre, RS, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produção da Pecuária Municipal – 2010**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/ppm/2010/default_pdf.shtm. Acesso em: 2 fev. de 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário 2006**. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/2006/agropecuario.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2010.

LOPES, A. D. **Caracterização de unidades produtoras de leite na área de abrangência do escritório de Desenvolvimento Rural de Jaboticabal – SP**. 2007. 97 f. Dissertação (Mestrado em Zootecnia). Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”. São Paulo, 2007.

MACHADO, R. T. **Análise socioeconômica e perspectivas de desenvolvimento para os produtores de leite do município de Crissiumal – RS**. 2001. 155 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

OKANO, M. T. **Como a organização dos produtores de leite da região de fatura em uma rede de empresas beneficiou a produtividade leiteira**. In: VI Congresso Nacional de Excelência em Gestão. Niterói, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://www.excelenciaemgestao.org/Portals/2/documents/cneg6/anais/T10_0296_1264.pdf. Acesso em 5 fev. de 2012.

OLIVEIRA, S. M. de. et al. Pequeno produtor na cadeia produtiva do leite: experiências de cooperação, incorporação de tecnologia e aquisição de competitividade. In: XLIII CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO, ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL. 2005. Ribeirão Preto. **Anais...**Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Administração, Economia e Sociologia Rural, 2005.

PELLINI, T. et al. Agricultura familiar: pecuária leiteira como lócus das políticas públicas paranaenses. In: XLV Congresso da Sociedade Brasileira de Administração, Economia e Sociologia Rural. 2007. Londrina. **Anais...**Londrina: Sociedade Brasileira de Administração, Economia e Sociologia Rural, 2007.

WAGNER. S.A. O leite observado nas diferentes tipologias nas unidades de produção familiar no Rio Grande do Sul-BR e suas relações com formas organizativas e inovações tecnológicas. 2003, 134 f. Tese (Doutorado em Ciências Veterinárias de Medicina Veterinária Preventiva). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.